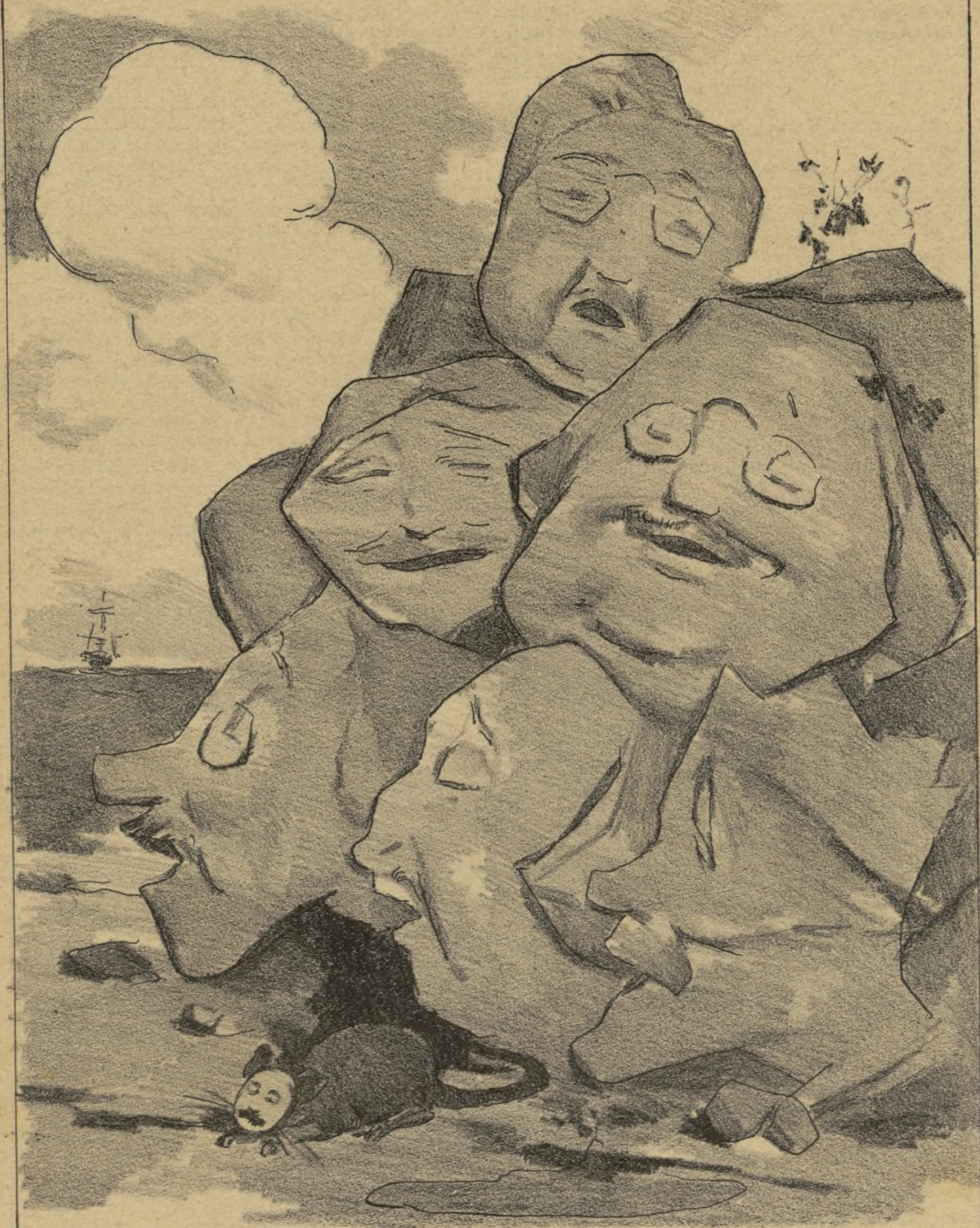


O PARTO DA MONTANHA



Depois d'um parto laborioso de tres conselhos e meio — o meio foi aquelle a que não assistiu o sr. Barjona — a montanha deu enfim á luz... o ratinho da demissão do governador civil... Até admira como não o tiraram a ferro, tratándose de uma questão de caminho do dito...

A COSTA DE CAPARICA

Subscrição para a reconstrução das casas dos pescadores de Caparica, victimas do incendio.

Transporte	56\$290
Anonymo	45500
Somma	60\$290

A SEMANA

Em politica, para variar, a mesma peça da semana passada.

Pelos clubs e pelos cafés discutia-se ainda — nos poucos em que se discute, está claro — o caso extraordinario do conselho de ministros.

Os da facção Lopo-Hintze-Topa-a-Tudo & Companhia sustentavam encarniçadamente que os dois ministros divergentes não tinham dado o seu bracinho a torcer e que, se ficaram no ministerio, foi em vista da satisfação dada pelo conselho ás suas pretensões, demittindo o governador civil cúmplice da emboscada dos caminhos de ferro.

Que bem sabiam que o citado governador pedira a tambem citada demissão, mas que o fizera pela segurança em que estava de que o sr. Fontes não tinha força para segural-o, e, para segurar-se na opinião publica, assim procedêra, visto como se o Seguro morreu de velho não é muito que o *Segurado* venha a succumbir da mesma enfermidade...

Por outro lado, os que bebem os ares pelo sr. Fontes, contestavam vigorosamente que não havia tal, que o homem pedira a demissão por motivos particulares, e que exclusivamente para conceder-lh'a andára o ministerio durante uma semana de Herodes para Pilatos, que é como quem diz, da arcada do Terreiro do Paço para casa do sr. Fontes.

(Que este caso de tanta e tão laboriosa barafunda, determinada pela simples demissão d'um governador civil, por motivos particulares, faz-nos pensar na hypothese, em tempo algum realisavel, da demissão d'um ministro, por motivos publicos, o que daria fatalmente em resultado vir o anjo trombeteiro do valle de Josaphá encontrar ainda o conselho de ministros a tomar chá preto em casa do sr. Fontes...)

Mas, voltando á vacca fria, diziam ainda os partidarios do sr. Fontes que o governador pedira a demissão porque não estava para governar, e, assim, o governo que se governasse com o Marinho da Cruz, que era o mais competente para marinhar com aquella cruz ao Calvario da Parreirinha.

E, quanto ao caso da supposta emboscada dos caminhos de ferro, elle governador *Segurado*, se bem que um pouco torto, andára muito direito — exactamente como a Providencia, que vê direito por linhas tortas...

* * *

A imprensa politica continúa a occupar-se, quasi que exclusivamente, da questão dos caminhos de ferro.

A discussão leva o andamento d'aquelle nosso meio de transporte, o que equivale a caminhar de churrião ou de caleça, de maneira que a questão, que comprou bilhete directo para o extremo da linha, ainda agora vae na estação do Poço do Bispo, o que nos traz a consoladora esperança de vermos o caso definitivamente esmiuçado pelos brindes dos srs. Marianno e Topa-a-Tudo.

Mais vale tarde de que nunca.

* * *

Chegou a Lisboa o Candido de Moraes, engenheiro da *Companhia Portuguesa de Electricidade* e que fôra ao estrangeiro fazer aquisição das machinas com que aquella companhia promette illuminarem pouco toda a cidade, começando as suas experiencias pela praça de Luiz de Camões, rua Garrett, etc.

Parece que a Companhia, depois de illuminar aquelles dois poetas, se propõe illuminar o sr. Luiz de Araujo.

* * *

A proposito de electricidade, convem registrar aqui as experiencias da luz electrica effectuadas em uma das ultimas noites a bordo do couraçado brasileiro *Riachuelo*.

Foi deveras surprehendente o resultado d'essas experiencias.

O indigena andou toda a noite de bocca aberta, como os besugos depois de mortos encamados nas cestas da Ribeira, a contemplar estupefacto o effeito deslumbrante da luz electrica projectada nos pontos altos da cidade.

A pretexto d'essas experiencias houve uma brilhante *soirée* a bordo do *Riachuelo*, onde, segundo refere o *Diario de Noticias*, um grande numero de cavalleiros e damas da diplomacia, da marinha, do commercio, das letras e do jornalismo portuguez, passaram deliciosamente a noite.

Esta revelação do *Diario de Noticias* deixou-nos profundamente surprehendidos. Francamente, que não sabiamos da existencia official de damas na nossa diplomacia... Da sua influencia diplomatica por detraz da cortina é que ouvimos em tempo correr por ahi uns *zum-zums*, sendo comtudo certo que então não lhe chamavam damas mas *hetairas*...

É possível que seja a mesma coisa?...

Quanto a damas da nossa marinha, tambem ficámos ás aranhas: não nos consta que a armada tenha praças de vivandeiras...

No que respeita ao exercito das letras e do jornalismo possuímos effectivamente Gabriel Claudio, que é a nossa gentil vivandeira, apesar dos seus ares de tambor-mór em exercicio...

* * *

As experiencias a bordo do *Riachuelo* deram logar a um incidente muito curioso, que passamos a delatar.

Como é sabido, o sr. Fontes não perde pitada sempre que pilha ensejo de se engrandecer aos olhos da nação.

Assim, s. ex.^a, concebendo n'aquella noite um plano tão engenhoso como extravagante, alugou mysteriosamente um catraio no Caes do Sodré e, seguindo rio abaixo; foi atracar em frente do *Riachuelo*, expondo a sua bella figura ao foco da machina electrica.

Imagine-se o effeito produzido! O vulto de s. ex.^a projectando-se em sombra nos pontos illuminados, mostrava a toda a cidade o grande homem, ainda mais grande de que elle é, do tamanho precisamente de que elle devia ser, se a natureza se não mostrára tão sorrelfa quando modelou aquelle exemplar de perfeições!...

Assim percorreu s. ex.^a todos os pontos elevados de Lisboa e seus suburbios, reflectindo-se successivamente no zimbório da Estrella, forte do Castello, Alto do Varejão, Caracol da Penha e Penitenciaria Central..

N'este ponto, a luz electrica

Apagou-se de repente

E em Lisboa toda a gente

De espanto soltou um berro...

Pois par'cêra — illusão d'optica —

Que, quando a luz se apagára,

O grande homem se occultára

P'ra lá das grades de ferro!... PAN.

CHRONICA PORTUENSE

Apesar dos bellos dias de sol que temos tido, a verdade é que estamos no principio do inverno. Um bom velhote nosso amigo, n'estas coizas de tempo, regulava-se com o maximo respeito pelo que lhe dizia o seu reportorio. Se elle dissesse: «dia tantos de tal — chuva,» o homem calçava as suas galochas, vestia um casaco grosso e armava-se do seu valente guarda chuva. Ás vezes encontrava a rir no meio da rua a bocca aberta do sol radiante; mas o bom velhote respondia-lhe: «eu faço o meu dever, vae tu fazendo o teu.»

Afinal o anno, como as mulheres, não tem os dias que lhe marcam as folhinhas, mas aquelles que elle parece ter, e se não fossem symptomas d'outra ordem, nós estavamos em plena primavera, tal é a inundação de luz que vem pelos ares abaixo e a abundancia de uvas que sobem pelas latadas.

*
* * *

Mas os pardaes já não andam aos bandos, pelas arvores da Praça de D. Pedro, e toda aquella gritaria de garotagem cábula emudeceu, como se tivesse apparecido a palmatoria do mestre. Nos jardins, — eu hoje estou com a veia pantheista — nas bouças e por toda a arborisação da cidade, a pontinha de frio matutino vae dando piparotes nas folhas tiritantes e ellas aos redemoinhos, ás cambalhotas, como os excentricos Martinettes, cahem no solo vestindo-o da velha farrapagem do outomno.

*
* * *

Os clubs das praias estão dando as ultimas soirées e os ultimos concertos, e o sr. Manuel Benjamim, e o sr. Ernesto Maia, e o sr. Afflalo, e o sr. Mello e os outros semi-deuses do pot-pourri e do verso recitado, do copophone e do piano san-joaneiro — tratam de empacotar, até ao anno, as coroas de louros gloriosos, conquistados com a *Judia* e com as primicias do Verdi... e do sr. Alves Rente.

*
* * *

Tudo isto é agora vantajosamente substituído pela castanha. A castanha é a grande e pura alegria do inverno. As creanças esperam a sua chegada, com aquella ánciedade por que se espera uma visita amiga, que nos traz, em dia d'annos, um bello presente appetecido.

A fumarada das assadeiras, o magusto, toda a vida laboriosa e de sacrificio da castanha, cosida, assada, pilada — são os jubilosos prenuncios do Natal, da entrada das grandes festas do inverno, desde a abertura do *Principe Real* até aos costumados beneficios para a creche de S. Francisco de Paula. Quando tudo se prepara para arrostar com a geada de dezembro — *Quentes! Quentes!* gritam as mulheres da castanha cosida, e reina logo uma tal confiança á porta do Anjo e na feira dos Caixas que ninguém quer outra coisa, pelo cahir da noite, senão *quentes!*

*
* * *

Eu preparo-me para assistir qualquer dia a um d'estes conflictos que deixam memoria de si por muito tempo. Eis o caso n'uma phrase: Nós tinhamos uma loira e agora temos duas loiras. Ha tempos foi julgado um reo que affirmava ser calumniado pela accusação. Era accusado de viver mal com a cara metade e, talvez por excesso de humildade christã, fustigava de quando em quando a metade

d'essa cara. — Então o reo porque bate na sua mulher, perguntava o juiz. — Porque ella quer o mesmo que eu quero. — Mas essa harmonia de vontades é a base de toda a felicidade conjugal, observava o circumspecto magistrado. — Pois, senhor juiz, o que nos mata é precisamente isso; ella quer mandar, eu tambem quero e... zás!

*
* * *

Nós tinhamos a loira mais gentil que tem pisado os palcos portuguezes: a actriz Palmyra. Os poetas cantavam-a; as damas referiam os diversos cambiantes da côr dos cabellos á esplendida côma da actriz Palmyra. N'um pequeno burgo como o nosso, uma loira é quanto se pôde desejar. Ha sujeitos que com muito menos durante o mez gastam... rios de dinheiro. Ora, n'estas circunstancias, a appareição de mais uma loira pôde ser uma cheia, uma inundação, um conflicto, o tal conflicto, que eu temo rebente por aqui mais dia menos dia. A Maria Julia, emquanto teve os cabellos pretos, não passava d'uma singela boa rapariga, que não fazia mal ao mundo. Mas agora, desde que foi visitar Lisboa, vêr o rei e os reaes penhores, tudo gente fina de cabellinho amarello, tornou-se uma ameaça para a segurança do Estado e um perigo para a arte dramatica portuense. Que o sr. visconde das Hortas dê as necessarias providencias.

JOÃO TRIGO.

AU CAPRICE

MODAS E CONFECÇÕES

RUA NOVA DO CARMO - 90

Gentil leitora adorada:
Siga os meus sabios conselhos,
Se quer, d'uma cajadada,
Matar logo dois coelhos...

Pretende andaina catita
Da mais fina garridice?
Vá á casa sobredita
Ao *magasin AU CAPRICE!*

Na doce paz mais fiel
Vivem n'essa moradia,
D'um lado, o Antonio Manuel,
E d'outro o Antonio Maria.

De lá ir em tendo léo,
Acha tudo á sua escolha:
D'um lado, a flor p'ra o chapéu
D'outro lado a nossa folha...



COLISEO DOS RECREIOS

Quinta feira 23 de Outubro

FESTA ARTISTICA DA TROUPE OSRANIS

Ninguém faltará decerto á festa d'essa excentrica familia, cujos homens trajam de mulheres e cujas mulheres vestem d'homem no *tric*, e cantam, e dançam, e saltam, e tocam o fado como o Calcinhas, tornando-se dignos do favor do publico, por se haver um d'elles inutilizado fracturando uma perna, o que foi mil vezes peor de que cair-lhes o raio em casa.

A CONFERENCIA DE BERLIM



A «pennosa» vai ser depennada; todos comerão da capoeira, excepto o dono da capoeira que fica a chuchar no dedo...

CHRONICA DO AMOR

DOIS FIASCOS



Barnabé têm dois ourellos
Mas não sabe qual mais ame,
Porque as duas em certame
Amor lhe inspiram aos molhos!
— Eufrasia mora no Aterro
E de Ambrosia pouco dista,
Que reside á Boa-Vista
Perto da Bica dos Olhos...

Depois de almoço, ás dez horas,
Deixando o caseiro encefro,
Barnabé vae p'ra o Aterro
D'amor gosar as delicias...
Deve ella mostrar-lhe o lenço,
D' affecto dando um prenuncio,
Como elle pede em annuncio
No *Diario de Noticias*...



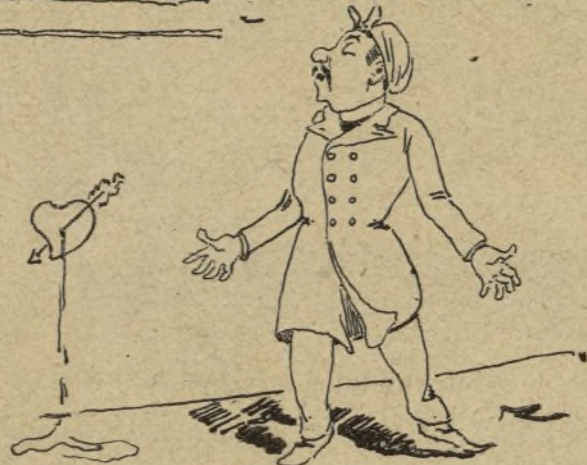
Ella lá está na varanda
De olhar amante e suave,
Emquanto elle passa grave
Sobre o passeio d'asphalto;
Mas n'isto o vento perverso,
Pondo-lhe ámostra o toitiço,
Faz-o deixar o derriço
P'ra apanhar o chapéu alto!



A perseguir sem descanço
O chapéu que lhe fugio,
Até ás margens do rio
Vae a correr Barnabé...
E enquanto o *bumbo* cae n'agua,
Vê-se elle sobre as faluas
Como o fidalgo D. Fuas
No caso de Nazareth!...



Temendo então que o chinó
Tambem fugir-lhe aconteça,
Amarra um lenço á cabeça
E volve os olhos p'ra a bella...
— Eufrasia, vendo o namoro
De lenço posto na tola,
A rir sem dó se rebola
No peitoril da janella!...





De tarde, quasi esquecido
Do desgraçado fracasso,
Veste-se, lança no braço
O paletot côr de grêda;
E vae p'ra o outro namoro
— Levando sempre á cautella,
O chapéu preso á carcella
Por larga fita de sêda:...

A linda Ambrosia, scismando
N'um sonho bom, côr de rosa,
Ha muito espera anciosa
O seu formoso galan...
E Barnabé, que das fallas
Do seu amor arde em sede,
Chega-se junto á parede
E faz p'ra cima: — han! han! han!



Porem, n'isto, o pae d'Ambrosia,
Chegando á janella, pilha
A descarada da filha
A conversar co'o marmanjo;
E retirando de manso
Do patoril da sacada,
Estende a mão espalmada
Como quem diz: — Já te arranjo!



E rosna, voltando armado
Qual de horriavel bacamarte:
— Espera, que vou deixar-te
Fresquinho como umâ alface...
E, fazendo a pontaria,
Até á ultima pinga,
Despeja toda a seringa
Sobre o pobre Lovelace!

Barnabé, que não descobre
D'onde a rega lhe repuxe,
Apanha o terrivel douche
Nas faces côr de papoilas;
E as aguas correm-lhe o corpo
Pelos varios escaninhos,
Desde os largos colleirinhos
Ao atado das ceroilas!

Apanhou tal catarrheira,
Que da cova o trouxe perto,
Tendo-o dois mezes coberto
De crueis vesicatorios;
E abateu tanto nas carnes
Que eu duvido que consiga
Ter as calças na barriga
Sem uzar d'uns suspensorios!

PAN.



MustavofordalloPinheiro.

A NOSSA MINA



Abrimol-o, como quem abre uma *fôrma* de madeira, e, depois de o explorarmos em todos os jazigos, chegámos ao do miolo. Páram aqui, por falta de mineral, as nossas investigações.